

# “Produção de Coelhos”



## Que futuro?

por Inês Amaro

*Citando R. Dumont “... triplicar a produção alimentar, até 2000 deverá tornar-se a tarefa prioritária da nossa geração”*

Nos dias de hoje, relembrar tal profecia é de facto importante. No século XXI, a carência de proteína animal continua a ser um problema gravíssimo com que a Humanidade se debate.

A carne de coelho está ao alcance de todos, mas apenas um nicho da população a consome.

Pelo seu preço constantemente elevado face a outras carnes, não está disponível no comércio.

Ou ainda pelo simples facto de não fazer parte da ementa da maioria dos portugueses! Como se pode ver, as razões poderão ser muitas e variadas.

A qualidade da carne pode ser classificada como excelente. Devido à sua alta digestibilidade, e ao valor energético muito baixo  $\pm 160\text{Kcal/Kg}$ , pode considerar-se uma carne magra “Linha zero”:

- 21% de proteína Bruta;
- 70% de H<sub>2</sub>O (água);
- 4% de teor lipídico;
- rica em ácidos gordos essenciais;
- rica em Cálcio e Fósforo;
- baixo valor em colesterol.

Em suma, esta carne possui potencial para que o seu consumo seja incrementado nas nossas dietas citadinas. No entanto, no meio rural nos meses de Novembro a Maio a carne de coelho autóctone ainda continua a entrar nas ementas.

Importa incentivar a produção de carne de coelho e encorajar o seu desenvolvimento bem como contornar todas as condicionantes susceptíveis de influenciar a dinâmica deste sector da indústria animal, nomeadamente os objectivos comerciais.

Para podermos compreender a situação actual da Cunicultura portuguesa, teremos que fazer uma incursão ao passado.

Breve resenha da história da Cunicultura Portuguesa

### Fases principais:

#### Antes de 1975

A produção de carne de coelho caracterizava-se por:

Pequenas explorações (2-6 fêmeas);

Métodos de criação tradicionais;

Animais sem raça apurada “Raças Autóctones”

Autoconsumo;

Quantidade total de coelho produzido:

± 4.000 ton./ano;

Consumo aproximado “Per capita” de 0.4 Kg/ano.

Tratando-se de uma produção tradicional, dirigida essencialmente para o autoconsumo, é muito difícil determinar com exactidão o número de Fêmeas e o número de láparos (cassapos) produzidos por ano. Este é o motivo da inexistência de dados estatísticos deste período.



### De 1975 a 1980

Foram feitas as primeiras tentativas de desenvolvimento do sector cunícula com métodos Racionais/Industriais, devido especialmente aos financiamentos concedidos aos portugueses vindos das ex-colónias. Segundo fonte da Direcção Geral de Veterinária foram concedidos pelo MAP (Ministério da Agricultura e Pescas - 1978) cerca de 305 “Avais Técnicos”. O que equivaleria a 305 explorações com alojamento potencial de 65.000 fêmeas, o que equivaleria a uma dimensão média aproximada de 215 fêmeas por exploração.

As perspectivas dos responsáveis políticos da altura estavam fixados para uma produção de carne de coelho para as 20.000 toneladas em 1980 que significava um incremento de 400% em 5 anos (80% ano).

A realidade desse período foi bem diferente do que se perspectivou:

Dos 305 “Avais Técnicos” concedidos, metade não foi posto em prática;

Das explorações em funcionamento, os resultados técnicos obtidos estavam longe de corresponder aos objectivos.

Aos cunicultores não foi ministrado qualquer tipo de formação, as explorações estavam bem equipadas para a época mas faltavam rações com qualidade.

### De 1980 a 1985

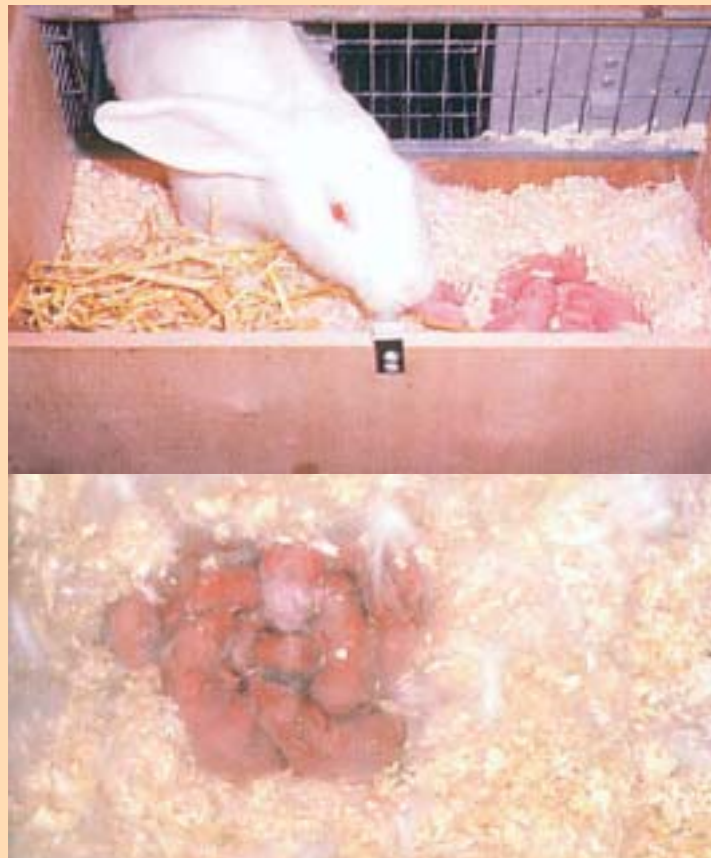
Foi o chamado “Período Negro” na inexperiente e jovem Cunicultura portuguesa, motivada por três razões fundamentais:

Falta de formação técnica e apoio económico aos cunicultores.

Ausência de estrutura de enquadramento e de serviços.

Alimentação sem qualidade.

No pós 25 de Abril a cunicultura Industrial ficou descreditada e ????????????????



De 1985 a 1990

Uma breve análise ao ano de 1985, permite com facilidade constatar que:

A Cunicultura industrial estava descreditada;

A Cunicultura Standard (20 a 100 fêmeas) estava débil;

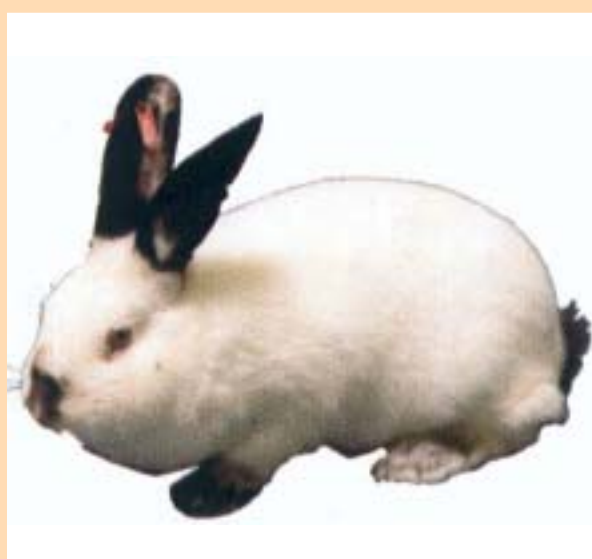
A Cunicultura tradicional estava forte mas com baixa produtividade, representava 95% da produção;

A existência de uma única multiplicadora;

A Falta de informação do sector;

A Falta de apoios dos Serviços Oficiais e da Banca;

O Síndrome das doenças, “O mal dos coelhos” entre os produtores.



Decorre o ano de 1986, e o estado do sector altera-se e, segundo alguns analistas da época, devido a quatro factores:

“Vontade do Estado Português em desenvolver e incentivar o sector cunícula nacional: moderno, competitivo e de altas performances”;

“Importantes ajudas comunitárias no investimento para a criação de explorações com mais de 150 fêmeas (unidade de trabalho)”;

“Importação” da experiência que outros países, nomeadamente Itália, França e Espanha;

Dinamização do sector por parte das indústrias de alimentos para animais.

Até 1990 os esforços levaram à criação de 40.000 jaulas/fêmeas no segmento industrial.

Em 1992, o sector apresenta ainda duas componentes bem distintas:

**Uma cunicultura Rural ou Tradicional** em regressão, mas que representa ainda 80 a 88% do sector;

**E uma Cunicultura Industrial** compreendendo explorações recentes com um n.º de fêmeas a variar entre as 20 e + de 500 por exploração, em que a percentagem maior se situa entre as 20 e as 100 fêmeas por exploração.

Nesta época, a produção nacional de carne de coelho já representava 15% do mercado, tendo estes valores acentuado-se devido à redução crescente do n.º de explorações rurais e ao aumento das explorações Industriais (80.000 jaulas/fêmeas).

A distribuição geográfica da exploração estendia-se de norte ao centro/sul Litoral com especial incidência na zona de Leiria.

O preço do coelho vivo ao cunicultor situava-se  $\pm$  nos 400\$00 com algumas variações consoante a época do ano e ao consumidor final  $\pm$  1.200\$00 (carcaça inteira).

Em 1994, o número de jaulas/fêmea já representava 120.000 jaulas/fêmeas, verificou-se um aumento significativo de explorações com mais de 25 fêmeas. Em muito contribuíram os apoios por parte do IFADAP, previstos no Reg. (CEE) 797 de 1985.

De 1996 em diante o preço da carne decresceu, em virtude da oferta se elevar e o mercado não crescer, causando alguma agitação.

Nos finais dos anos 90 (1998/99) a taxa de mortalidade cresce bastante derivado, principalmente, ao surto da “Entérica”, havendo pouca oferta os preços aumentaram.

Os cunicultores que conseguiram ultrapassar a crise entusiasmaram-se e aumentaram os efectivos das suas explorações.

Face à problemática da BSE em Portugal e na Europa o consumidor retraiu-se na compra da carne de bovino e o consumo de coelho, frango, peru e pato aumentou ligeiramente.

Esta ligeira alteração no consumo influenciou o aumento de 45 a 50% do número de explorações cunícolas (novas e o aumento das já existentes) no Espaço Europeu, ao abrigo de novos projectos.

Mas, desde Janeiro de 2002 que os preços têm vindo a descer tendo atingido o valor mínimo de 0,80euros / kg ao produtor. A procura diminuiu, a produção aumentou e os consumidores não acompanharam a oferta. A crise da BSE foi “esquecida” pela opinião pública, e por conseguinte, o consumidor continua a ter preferência por outras carnes (vaca, frango e porco).

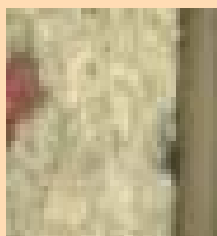
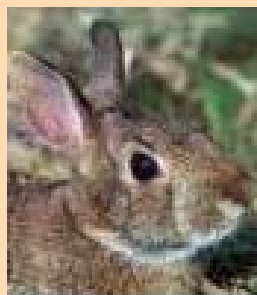
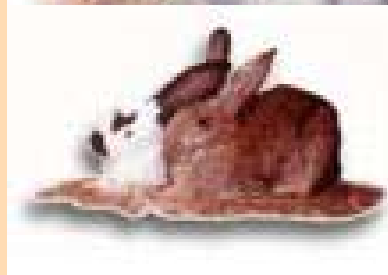


## Que perspectivas de Futuro?

A manter-se a situação actual 30 a 40% das explorações no espaço Europeu terão de fechar.

A estratégia poderá assentar na diminuição da produção intensiva e na melhoria da qualidade e no dinamizar do consumo da carne de coelho.

O cunicultor sabe que é “mais barato trabalhar limpo”! Fazendo prevenção, evitando o uso de antibióticos e usando cada vez mais ração de Retirada (concentrados à base de fibras) evitando os promotores



de crescimento utilizados nos regimes de engordas intensivas de várias espécies animais.

Em forma de conclusão, o Cunicultor português começa a demonstrar um grau de maturidade preocupando-se cada vez mais com a segurança alimentar. Mas, o problema fundamental do sector da cunicultura mantém-se: a fraca procura do produto, o consumidor de carne de coelho é apenas um “nicho” de mercado.

Faz falta revolucionar o mercado, pela criação de um Associação ou uma Federação de Cunicultores unidos em torno de um objectivo comum, capaz de implementar uma estratégia conjunta de acção no sector e colocar em prática uma campanha de marketing junto dos possíveis consumidores de carne de coelho.

### Bibliografia

- Apontamentos da Cadeira de Cunicultura do Curso de Engenharia Agro-Pecuária do ano de 93/96 da Escola Superior Agrária de Coimbra.
- PEREIRA, A.P. 1993. Manual de Cunicultura. Provimi.